

Coletânea

Folclore

Contos Infantis



Projeto
Apparere

A CABULETA DE PIRAÍ

ELIDIOMAR RIBEIRO DA SILVA

Era o final de uma manhã quente de primavera. Os cientistas da universidade tinham acabado de chegar ao local, onde pesquisavam a biodiversidade de insetos há um bom punhado de anos. Portanto, conheciam bem a localidade de trabalho, uma estradinha estreita, de asfalto esburacado, ladeada por trechos de mata e fazendas, que liga as cidades de Piraí e Passa Três, no Estado do Rio. A estrada, hoje deserta e deixada ao relento, já teve seus dias de agito, com intensa movimentação de carros, carroças, caminhões e cargas. Diz a história que caravanas de importantes e poderosos passavam por ali, transportando autoridades entre os gigantes metropolitanos Rio de Janeiro e São Paulo - falam que até Getúlio Vargas em pessoa parou algumas vezes para beber água e se refrescar em uma fonte na borda da estrada. Mas o tempo passou, caminhos mais modernos foram criados e a estradinha ficou deixada de lado, sendo retomada, aos pouquinhos e cada vez mais, pelo verde da natureza. Por causa disso, a velha ligação entre Piraí e Passa Três é um verdadeiro paraíso para estudiosos do meio ambiente. Por isso estava ali a equipe de pesquisadores de insetos.

As bordas verdejantes da estrada são repletas de insetos de todos os tipos e para todos os gostos. Borboletas, mariposas, lagartas, besouros, moscas, mosquitos, vespas, abelhas, formigas, percevejos, cigarrinhas, gafanhotos, grilos, esperanças, louva-a-deus, baratas e libélulas voam, caminham ou se arrastam ali, em uma mistura de cores, formas e sons. A equipe que veio pesquisar toda essa sorte de criaturinhas estava formada pelo professor Edmar, pela doutora Lúcia e por três jovens aprendizes: Virna, Ester e Maurílio. Como os pesquisadores ainda teriam que retornar ao laboratório, lá na cidade do Rio de Janeiro, no mesmo dia, os trabalhos de observação começaram assim que eles chegaram. Não havia tempo a perder.

Estavam eles investigando cada folha da mata em busca de insetos para pesquisar, quando escutaram a aproximação de um carro, algo raro naquele caminho apertado. Com a aproximação do veículo, os pesquisadores chegaram bem para a margem da estrada, desobstruindo a passagem. Ao ver pessoas no caminho, o motorista do carro foi desacelerando, até que parou ao lado do grupo.

- "Bom dia, pessoal. O que vocês estão fazendo aqui?", perguntou o motorista, estranhando ter gente naquele lugar quase sempre tão vazio de pessoas.

- "Bom dia", respondeu o professor Edmar. "Nós somos da universidade e estamos fazendo uma pesquisa sobre os insetos aqui da região."

- "Ah, que interessante", retrucou o motorista. "Não é lá muito comum ter gente por essas bandas."

- "Exatamente por isso nós estamos pesquisando aqui", explicou a doutora Lúcia. "Na maioria das vezes, quanto menos gente há em um lugar, mais bichos aparecem."

- "Entendo", concordou o motorista. "Mas, se os amigos me permitem um conselho, tomem cuidado. Dizem que acontecem coisas estranhas nesta estrada, especialmente à noite." E foi-se embora.

A equipe de pesquisadores ficou intrigada, sem entender exatamente o que o motorista quis dizer. Mas, pelo sim, pelo não, combinaram que ficariam o menor tempo possível por ali, apenas o suficiente para contabilizarem dados e informações para a pesquisa.

Mas o tempo passou, a tarde veio e quase se foi. Entretidos com a própria pesquisa, os estudiosos dos insetos nem perceberam o avançar das horas. Até que escutaram um barulho, indicando que mais alguém estava a se aproximar, só que a pé. Uma pessoa vinha pela estrada. E não estava só - dois cachorros agitados, de médio porte e jeitão de vira-latas, ladeavam o homem. Vendo gente por ali - algo que, nesta altura do campeonato todos já saberem ser algo incomum - ele se aproximou ainda mais e puxou conversa.

- "Boa tarde, o que vocês estão fazendo por aqui?", perguntou o caminhante.

Enquanto Lúcia, Virna, Ester e Maurílio brincavam com os dois cachorros, coube a Edmar explicar as atividades de pesquisa que eles estavam desenvolvendo.

- "É, muito interessante...", comentou o caminhante, filosofando logo a seguir: "Nessas pesquisas que vocês fazem devem descobrir muitas coisas novas e que ninguém conhecia antes."

Edmar logo concordou, afirmando que a descoberta de novidades é parte do desenvolvimento científico. E, mais ainda, quem estuda insetos frequentemente se depara com novas espécies e formas desconhecidas. Isso é algo comum dentro desse tema de trabalho.

- "Mas vou dar uma sugestão para vocês. Não fiquem aqui até o cair da noite. Dizem que acontecem coisas estranhas que ninguém consegue explicar. Fala-se que, por aqui, já teve um tempo em que essas matas eram protegidas. Umas coisas defendiam a floresta e os bichos, coisas tipo folclore, essas coisas assim, sabe?"

Vendo que Edmar olhava para ele, mas nada falava, o caminhante continuou:

- "Hoje em dia não tem mais entidades por aqui, elas se foram junto com a floresta original. Essa mata que vocês veem atualmente não é a original, é toda mexida, um capoeirão. Há uns anos tudo aqui era pasto, a natureza está recompondo de novo, mas demora. Mesmo não tendo mais entidade, eu não dou bobeira de noite, pois essas coisas não gostam de caçador."

- "Mas então você é um caçador?", perguntou Edmar, já pensando em falar que a caça é ilegal no Brasil.

- "Fala isso não, dotô!" - exclamou o caminhante - "Fala isso não, a mata daqui não gosta de caçador. Posso até pegar uma preá ou um tatu aqui ou ali, mas nunca que eu vou falar que sou caçador, não mesmo. Ainda mais aqui. Alguém pode escutar. Aqui ninguém é caçador. Aliás, já chegou a minha hora, não quero que a noite me pegue ainda na estrada. Muito menos hoje, pois meus cachorros - esses mesmos que estão brincando com o seu pessoal - já aprontaram: botaram uma capivara para correr, logo no início da estrada, e depois mataram uma jararaca de mais de 2 metros!"

Nesse momento, todos da equipe de pesquisadores já estavam prestando atenção na conversa do caminhante, que se despediu e seguiu estrada acompanhado de seus cães. Enquanto Edmar ficava imaginando o grau de exagero de alguém que menciona uma jararaca de mais de 2 metros... De qualquer forma, tendo terminado a coleta de dados da pesquisa e com a noite quase chegando, os pesquisadores recolheram seus equipamentos, entraram no veículo de trabalho e retornaram à movimentada Via Dutra, que os levaria de volta à cidade do Rio de Janeiro. Não antes de, no anonimato seguro de seus pensamentos, um(a) dos(as) pesquisadores(as) deixar escapar, sob forma de um suspiro mudo, o desejo de que realmente alguma entidade encantada protegesse aquela mata e aquele local.

Mas, no mundo dos encantos e encantados, muitas vezes é isso que basta: um suspiro. Assim que o carro da equipe de pesquisadores virou à direita, saiu da estradinha esburacada e pegou a Dutra rumo ao Rio de Janeiro, coincidindo com o último raio de sol do dia, logo seguido pelo breu da noite, grupos de vagalumes saíram de vários pontos da mata e, voando em pisca-pisca, iluminaram a escuridão. Ali, o brilho da lua cheia revelou o surgimento de um novo ser, um novo protetor, um novo guardião - um guerreiro da floresta, embora ainda sem saber disso. O novo ser, gerado pela combinação de um suspiro com o balé dos vagalumes e mais o banho de lua cheia, é pequeno, tem quatro asas de borboleta, pintadas com todas as cores

do arco-íris, cada uma com um brilho de luz em pisca-pisca. Na cabeça tem duas antenas curtas e no corpo, dois braços e duas pernas. O pequeno ser recém surgido ainda não sabia o que é, nem que propósito tem. Alguém precisava lhe dizer isso.

Meio assustado, sem entender a situação, o novato percebeu que não estava só. Sombras mostravam a silhueta de três outros seres, absolutamente cientes de seus objetivos e responsabilidades: Saci, Curupira e Caipora. Encantados que percorrem as matas do Brasil inteiro e que, por vezes, também passavam por aquela estradinha. Foram chamados para instruírem o novo ser. Que, agora, estava mais assustado do que nunca.

- "Oi, pequeno, não se assuste", disse a Caipora, com voz bem mansa. "Você tem um grande propósito e, por isso, foi gerado."

- "Vivemos um momento de muita apreensão no planeta inteiro", comentou o Saci. "Cada vez mais vemos a natureza tombar ante a ganância destruidora dos seres humanos. Além da caça e da destruição, que sempre existiram e fazem parte do modo de agir da humanidade, outras ameaças não param de surgir. Aquecimento global, efeito estufa, mudanças climáticas, degelo das calotas polares, aumento do nível dos oceanos, pandemia, extinções em massa, introduções de fauna e flora, guerra, genocídio, fome, miséria... Nunca tivemos tantas desgraças como temos agora, e em níveis alarmantes."

- "Diante disso", emendou o Curupira, "Nós, os elementais defensores da natureza e da biodiversidade, não estamos mais dando conta. Nem todos os elementais folclóricos do planeta, reunidos, estão conseguindo dar conta de consertar os erros dos seres humanos."

- "Precisamos de ajuda, pequenino", retomou a Caipora. "Precisamos de novos guerreiros, novos soldados defensores da floresta, do cerrado, da caatinga, dos pampas, das águas doce e do mar. Guerreiros como você, pequenino, estão sendo gerados sempre que um suspiro forjado pela vontade legítima do desejo se encontra com a luz dos vagalumes e da lua.

- "Cada novo defensor vai sempre surgir em local que precisa muito ser defendido", explicou o Saci. "Como aqui, onde você surgiu, pequenino. Olhe à sua volta. Desmatamento, lixo, destruição, poluição das cidades aqui perto... A natureza clama por socorro. E é você que vai socorrê-la, pelo menos aqui."

- "E a nós, que já estamos há milênios nessa função, cabe a missão de explicar isso aos novatos, como você.", prosseguiu o Curupira. "Que é o que estamos fazendo agora: dando uma orientação inicial. Com o tempo, você vai desenvolvendo sua própria percepção e logo estará apto a proteger territórios maiores, como nós fazemos.

Por hora, sua missão é defender a vida que floresce na beira dessa estradinha."

- "Pequenino, sempre que você tiver alguma dúvida, consulte os bichos, as plantas, os cogumelos, os musgos, as criaturas microscópicas que poucos veem. Eles sabem o que fazer. E, precisando, nos convoque, viremos na velocidade de um redemoinho", disse a Caipora, piscando o olho para o Saci.

- "E aí, novato? Você entendeu sua tarefa?", perguntou o Curupira.

- "Sim, entendi. Vou proteger esse local e tudo que há nele com toda devoção. Essa pequena estrada é sagrada para mim, é meu berço, minha terra natal. Podem contar comigo", prometeu, confiante, o novo defensor da natureza.

- "Então a nossa missão aqui está completa. Manda ver, pequenino! Proteja a sua terra.", vibrou o Saci. "Veteranos, vamos nessa. Há mais novatos para orientarmos. Boa sorte, garoto. Precisando, é só chamar."

Cheio de determinação, o novo guerreiro viu os experientes elementos folclóricos se despedirem dele e partirem para outras demandas. Mas, repentinamente, se lembrou de algo muito importante:

- "Ei, esperem, por favor. Qual é o meu nome?"

- "Seu nome?", repetiu a Caipora, já quase desaparecendo. "Seu nome é aquele que você quiser."

E assim, ganhou um guardião a estreita e esburacada estrada que liga Piraí a Passa Três, pertinho da Serra das Araras e da movimentada rodovia do Rio a São Paulo. Um defensor que vai cuidar de todos os seres e dos recursos naturais, bem como das lendas, dos causos, das narrativas. O nome desse pequeno gigante, com uma grande missão, é Cabuleta. Cabuleta da Estrada de Piraí a Passa Três. Muito prazer em conhecê-lo.

Adriana Wallauer Reinheimer - Adriano Besen - Alberto Arecchi - Alexandre Leocádio - Amanda Boaviagem - Amanda/Milena - Amauri de Oliveira - Arai Terezinha Borges dos Santos - Beatriz Rocha - C. R. Mota - Carla Passos - Cesar L. Theis - Cintia Szczecinski Pelissari - Clara das Ideias - Coracy Teixeira Bessa - Cris Benati - Cristiane Freitas - Dani Xavier - Daniel da Costa Agra - Daniela de Lima Solla - Danielle Oliveira - Deyse da Silva Sobrino - Didimari Santana - Edilma Silva Santos - Edy Braun - Elaene Suzete de Oliveira Pereira - Elidiomar Ribeiro da Silva - Elio Bittencourt Moreira - Elisa Fes - Gabriela Lauzid Kleinlein Lins - George Loez - Gibson José de Santana - Higor de Souza Mendes - Hilton Souza - Ione Morais - Jacqueline Quinhões da Luz - Jamila Mafra - José Fernando Pachelli - Kassandra Kenya - Luiz Roberto de Souza Queiroz - Maitê Maia - Marcela de Queiroz Teófilo - Maria de Fátima Araújo Teles - Marilu F Queiroz - May Poetisa - Mikael Mansur Martinelli - Neida Rocha - Nelson J. Nascimento - Orlindo Eulin de Oliveira - Osmar Resende - Patrícia Calegari - Paulo Roberto Silva - Pricila Coelho - Renilda Viana - Roberta Bassani Federizzi - Roberto Hermeto Brandão - Roberto Schima - Rodrigo Santos - Roque Aloisio Weschenfelder - Rosemeire Marcondes Schwartz - Sandra Rodrigues - Sônia Barreto Freire - Tauã Lima Verdan Rangel - Thiago Cardeal Góes de Azevedo - Valéria Cristina Garcez - Valéria Pisauro - Wadad N. Kattar



www.perse.com.br

ISBN 978-65-5879-251-2



LIVRO - IMPRESSO

Projeto
Apparere

www.apparere.com.br